Ainda uma vez a ética e a ética ambiental

Fausto A. de Azevedo[1]

"A falsidade central deste modelo reside no fato de que o poder econômico é o mesmo que o poder político. O único antídoto para reverter esse mau funcionamento da democracia é construir uma sociedade crítica que não se limite a aceitar as coisas pelo que elas parecem ser e depois não são, mas se faça perguntas e diga não sempre que for preciso dizer não. Para isso, é urgente voltar à filosofia e à reflexão". **José Saramago.**

Quanto à visão de mundo e de vida, a sociedade humana atravessou três fases (paradigmáticas) e hoje as três convivem conosco e em nós: a teocêntrica, a antropocêntrica e a biocêntrica. Bom seria se tivéssemos tido sempre uma só fase – a *eticocêntrica*... Mas vamos lá.

Claro está que cada um desses três dispositivos acaba por criar um arcabouço de preceitos éticos, todos derivados da maneira de ver e acreditar o mundo e a natureza naquele espaço e naquela época.

Os preceitos do teocentrismo começam no livro bíblico do Gênesis: a criação do homem (no sexto dia, Gên. 2.7[2]) é o ponto final e elaborado da criação do universo! Assim, ele é tido como uma forma de ser superior, abaixo apenas do Criador. Nesse sentido, tudo lhe fica ético perante os demais elementos do mundo natural, das pedras aos animais. O Deus bíblico não foi muito generoso como educador do homem quanto a respeito ou mesmo estratégias que ele deveria ter para com os outros constituintes do planeta. O recado era crescer e se multiplicar, utilizando os bens disponíveis (Gên. 1.26,27[3]) e os submetendo; o homem sendo o corpo de Deus. Portanto, tínhamos o homem senhor da natureza submetido apenas ao Deus senhor do Universo, cada qual em sua escala, e ascender a Deus significava pular um nível quântico nessas escalas, missão para o cristianismo.

Depois, passamos ao antropocentrismo: o homem, com o conhecimento científico, pode dominar a natureza – prossegue podendo dominar a natureza, incluindo ele próprio. Pensadores como Bacon e Descartes sinalizaram nessa linha. O progresso como lei da história se transforma no dogma da modernidade. O homem, baseado em seus conhecimentos científicos, construiria uma nova etapa de sua vida, totalmente sem misticismos, completamente iluminada, com benefícios incalculáveis para seu bem estar. Falhou o modelo, e os anos 1900, que seriam colhedores dessa bonança, acabaram passando para a história real como dos mais destrutivos de todos os tempos. No processo de busca do progresso, exatamente por falta de todos os conhecimentos necessários para tal, a humanidade acabou impactando o meio ambiente (e o social) de uma forma brutal e talvez mortífera. Às vezes, a ética do antropocentrismo é designada como *Ética do cowboy* ou *Ética da fronteira*, por buscar a conquista, a colonização, a exploração do que 'permanece' selvagem.

Agora, chega-se aos tempos do biocentrismo ou ecocentrismo (que não são exatamente o mesmo). Essa pode ser uma visão bastante interessante, mais humana e democrática, desde que não se caia no erro da intocabilidade desmesurada da natureza, com expulsão do próprio ser humano do cenário ao qual ele pertence legitimamente. A nova visão tem por base a noção de interdependência de todos os elementos, animados e inanimados, da natureza,

1 Farmacêutico Bioquímico (USP). Especialista em Saúde Pública (USP). Mestre em Toxicologia (USP). Atuou como Farmacêutico-Bioquímico Toxicólogo na CETESB (São Paulo) e como Gerente Técnico do Centro de Recursos Ambientais (CRA), Bahia. Ex-Diretor Presidente do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (Ceped, Bahia), ex-Subsecretário de Planejamento, Ciência e Tecnologia (Bahia), ex-Diretor Geral do Centro de Recursos Ambientais (CRA, Bahia) ex-Superintendente de Planejamento Estratégico (Seplan, Bahia), ex-Assessor Técnico da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CMADS) Câmara Federal, Brasília. Consultor em Meio ambiente e em Ciência e Tecnologia. Autor de vários artigos e livros. Diretor da Intertox. Professor e co-Coordenador do curso de pós-graduação em Ciências Toxicológicas das Faculdades Oswaldo Cruz, São Paulo.

2 "O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente." [http://www.bibliacatolica.com.br/01/1/2.php]

3 "26. Então Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra.' 27. Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher." [http://www.bibliacatolica.com.br/01/1/1.php]

compondo uma teia de interconexões que faz fluir entre si estímulos positivos e/ou negativos. Os demais elementos da natureza têm um valor existencial, logo ético, intrínseco, independentemente de sua utilidade estrita para a humanidade. A dita sociedade ecológica estabelece uma tensão com a sociedade antropocêntrica. Se dessa dialética surgir o ponto de equilíbrio, o resultado poderá ser muito benéfico, inclusive para a construção da ética da qual necessitamos, que venha a ser, como já foi proclamado, menos *egóica* e um pouco mais *ecóica*. A Igreja Católica tem-se manifestado a respeito, na busca desse equilíbrio, tanto com João Paulo II como com Bento XVI[4], recomendando uma ecologia humana, que estabeleça relações sólidas não apenas com a criação mas também com o Criador. Convém sempre que se tenha presente que para viver o homem modifica o ambiente, assim como os demais seres vivos também o fazem. Em alguma extensão sempre modificamos o ambiente, portanto, o que ganha significância é que saibamos até que ponto isso pode ser eticamente aceitável. Além do mais, o próprio ambiente é dinâmico e se transforma, independentemente da presença humana.

Se nos dois primeiros modelos, do ponto de vista prático, ético seria sujeitar a natureza e sua dinâmica e *bens* aos desejos humanos, porque isto seria o *bom* para o humano, no terceiro – na consideração mais extrema do grande leque que há – teríamos o ser humano ocupando posto ético igual ao de outras formas de vida, sem hierarquização, numa única teia biômica. A passagem de uma ética ambiental antropocêntrica para uma ética ambiental biocêntrica ou ecocêntrica significa um esforço enorme para a sociedade humana atual porque implica em reconstrução de crenças, condutas e quereres. Importa, deveras, em se mudar do reducionismo científico-metodológico à cultura sistêmica do ambiente. Talvez algo da mesma dimensão heróica que o salto do geocentrismo para o heliocentrismo.

Em qual ponto nos posicionarmos então? Como construir uma ética ambiental larga, que, tanto quanto possível, exista ela mesma por si, desapegada das filosofias dominantes e seus períodos históricos? Será isso possível?

Platão, Aristóteles, S. Agostinho, Maimônides, S. Tomás D'Aquino, Spinoza, Kant, Bentham, Hegel, dentre outros, intentaram fundamentar uma moral, desenvolver uma ética que valesse para todos os seres humanos. Portanto o desafio é antigo, permanente e só faz crescer. Mesmo nós, atrevidamente, já nos debruçamos um pouco sobre diferentes facetas do assunto[5], mais para responder nossas próprias angústias, porém, nem ficamos satisfeitos com o que produzimos nem o tema é esgotável.

Formalmente falando, Ética[6] é um ramo da filosofia. Pesquisa a natureza do que é considerado adequado e moralmente correto. Portanto, tem por objeto a Moral no tempo e no espaço, estudando os juízos de apreciação da conduta humana. Para os gregos antigos, era a diferença (no sentido qualitativo) entre a palavra e a ação, o grau de concordância entre ambas. Comportamento ético é aquele que é considerado *bom* – e aí se abre toda a grande discussão sobre o que é bondade. É aquele que traz em si uma virtude

---

4 Ver O Meio Ambiente e a Visão Católica, em: http://www.pratigi.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1221%3Ao-meio-ambiente-e-a-visao-catolica&catid=146%3Aem-cima-da-noticia&Itemid=524&lang=br

5 Ver Ecofilosofia: o despertar de uma era definitiva, em http://www.intertox.com.br/documentos/v1n1/rev-v01-n01-06.pdf e Por uma ética e uma estética ambientais, em http://www.intertox.com.br/documentos/v1n1/rev-v01-n01-06.pdf

6 No grego ethiké (ταηθικα), ou ethos, significando morada da alma, modo de ser ou de agir, caráter. No latim, ethica. Êthos: "guarita para proteger os animais" (como em Homero), no sentido de proteção; sentido dos costumes estabelecidos (os valores éticos ou morais da coletividade, transmitidos de geração a geração). Significado mais amplo e rico: o de lugar ou pátria onde habitualmente se vive e o caráter habitual (ou maneira de ser ou até forma de pensar) da pessoa. Éthos: "conduta" no sentido de destino do Homem (daimon) (como em Sócrates). Entendido, com certa superficialidade, como maneira exterior de comportamento. Vê-se logo não ser fácil explicar o que é Ética quando, por exemplo, o atual e completíssimo Dicionário de filosofia, de Nicola Abbagnano (Martins Fontes: São Paulo, 2007) utiliza quase dez páginas (442-451) para esse verbete. No primeiro parágrafo do texto (p. 442-3) aprendemos: "Ética (...) Em geral, ciência da conduta. Existem duas concepções fundamentais dessa ciência: 1ª. a que a considera como ciência do fim para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos meios para atingir tal fim, deduzindo tanto o fim quanto os meios da natureza do homem; 2ª. a que a considera como a ciência do móvel da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta. Essas duas concepções, que se entremesclaram de várias maneiras na Antiguidade e no mundo moderno, são profundamente diferentes e falam duas línguas diversas. A primeira fala a língua do ideal para o qual o home se dirige por sua natureza e, por conseguinte, da "natureza", "essência" ou "substância" do homem. Já a segunda fala dos "motivos" ou "causas" da conduta humana, ou das "forças" que a determinam, pretendendo ater-se ao conhecimento dos fatos. A confusão entre ambos os pontos de vista heterogêneos foi possibilitada pelo fato de que ambas costumam apresentar-se com definições aparentemente idênticas do bem. Mas a análise da noção de bem logo mostra a ambiguidade que ela oculta, visto que bem pode significar ou o que é (pelo fato de que é) ou o que é objeto de desejo, de aspiração etc., e estes dois significados correspondem exatamente às duas concepções de Ética acima distintas. De fato, é característica da concepção 1ª. a noção de bem como realidade perfeita ou perfeição real, ao passo que na concepção segunda encontra-se a noção de bem como objeto de apetite. Por isso, quando se afirma que "o bem é a felicidade" , a palavra "bem" tem um significado completamente diferente daquele que se encontra na afirmação "o bem é o prazer". A primeira asserção (no sentido em que é feita, p. ex., por Aristóteles e por Tomás de Aquino), significa: "a felicidade é o fim da conduta humana, dedutível da natureza racional do homem", ao passo que a segunda asserção significa "o prazer é o móvel habitual e constante da conduta humana". Como o significado e o alcance das duas asserções são, portanto, completamente diferentes, sempre se deve ter em mente a distinção entre ética do fim e ética do móvel, nas discussões sobre ética. Tal distinção, ao mesmo tempo que divide a história da Ética, permite ver como são irrelevantes muitas das discussões a que se deu ensejo e que outra causa não têm senão a confusão entre os dois significados propostos.

ou um valor. Os valores podem ser os relacionados ao Humanitarismo, isto é, de conteúdo humanitário: respeito à Vida, respeito à própria vida e à vida do próximo, e aqueles relacionados à própria Ética, à Estética e à Moral: os valores humanos fundamentais – o verdadeiro, o bom, o belo; a prática do bem e da justiça sem qualquer outra finalidade que não ela (a prática) em si; as quatro *virtudes naturais*, chamadas depois *cardeais* (de Platão) – prudência, fortaleza, temperança, justiça; as quatro virtudes de Nietzsche (em *Para Além do Bem e do Mal*, aforismo 284) – coragem, perspicácia, simpatia e solidão (e mais uma estratégia, segundo o próprio autor: a cortesia).

Antes, filósofos da ética diziam: homem e mulher vivem em sociedade, convivendo entre si, assim cabe-lhes (cabe-nos) responder à questão: "Como devo agir diante dos outros?" Hoje, devemos ir além e indagar: "Como devo agir diante dos outros e diante do meio ambiente, que pertence, por igual e concomitantemente, a todos esses outros também?" Perguntas simples de serem feitas e muito difíceis de serem respondidas. Esta é a preocupação da Moral e da Ética, em todos os seus domínios, com destaque para o ambiental. A ética mantém permanentes e íntimas relações com a humildade e com a responsabilidade. De certa forma, só é possível assumir posturas éticas se simultaneamente se é humilde e responsável. Humildade tem a ver com a percepção de poder estar errado. É extremamente difícil, senão impossível, ao prepotente, ao soberbo, manter posições éticas. Registre-se que prepotente pode ser não só um indivíduo como também uma organização, um partido político, um governo e mesmo uma filosofia ou um estilo. Assim, segundo Hans Jonas[7], a humildade seria necessária como um antídoto para a ruidosa arrogância tecnológica atual. Complementamos a idéia realçando que as tecnologias podem tanto ser as de produção como as de gestão. Quanto à responsabilidade, fiquemos com o pensamento de André Comte-Sponville [8], quando afirma: "Somos responsáveis pelo que fazemos, logo também pelas conseqüências previsíveis de nossos atos. É o que nos fada a uma ética da responsabilidade, como dizia Max Weber, e essa é a única ética que vale."

Ética ambiental é a ética praticada pelo ser humano relativamente ao meio ambiente, logo, uma extensão daquela que ele pratica em relação a si e ao seu meio social. Fixou-se como disciplina filosófica nos anos 1970, em grande parte por conta da preocupação formada na década de 1960 quanto aos efeitos nocivos ou ameaçadores que a tecnologia, a produção industrial (principalmente a química e seus desastres tóxicos), a expansão econômica e populacional estavam acarretando ao ambiente. Agregaram-se a isso considerações a cerca da diminuição da biodiversidade (vegetal e animal), degradação dos ecossistemas e alterações climáticas, que são reflexões, como as outras, de substância moral, a própria substância de toda a ética.

A ética ambiental analisa nossos deveres morais diante dessas questões: quais os direitos e obrigações que temos quanto ao meio ambiente, e os temos por quê? Parece que temos obrigações de cuidado ambiental derivadas do respeito (i) aos que, como nós, vivem hoje, (ii) aos que viverão no futuro e (iii), também, a entidades do próprio ambiente. Há filósofos e ambientalistas se dedicando a cada um desses compartimentos e há muito bom material produzido. Um fato importante é que os avanços do conhecimento científico a respeito do funcionamento de biomas e ecossistemas podem influenciar muito as posições, atitudes e estratégias da ética ambiental. Assim, de alguma maneira essa disciplina conversará sempre com as Ciências Ambientais e suas correlatas, e com a ética das ciências. E nunca poderá se dissociar de sua casa maior, a Filosofia Ambiental, ramo da filosofia bastante desenvolvido entre pensadores nórdicos (como Arne Naess, falecido recentemente, em 12 de janeiro de 2009, aos 96 anos, e que se incluía na tradição de pensamento ecológico-filosófico de Henry Thoreau, proposto em *Walden*, e de Aldo Leopold, na *Ética da Terra*), anglo-saxões e americanos (como Tom Regan[9]). Outros bons debatedores para o assunto são Peter Singer, Kenneth E. Goodpaster e o brasileiro Leonardo Boff.

Às vezes, os especialistas falam em várias éticas ambientais, como ética antropocêntrica, ética animal, biocentrismo, ecocentrismo, ética profunda (relacionada à ecologia profunda, do antes citado Arne Naess), ecofeminismo (como resposta tanto ao antropocentrismo como ao androcentrismo). Todas elas têm muitos pontos em comum assim como especificidades. Outros autores fazem distinção entre éticas (ambientais) conservacionistas, que ainda são

7 Hans Jonas. Técnica e responsabilidade: reflexões sobre as novas tarefas da Ética. In: MIRANDA, J.A.B. Ética, medicina e técnica. Lisboa: Editora Vega - passagens, 1994: 27-62.
8 André Comte-Sponville. O ser-tempo. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
9 Ver REGAN, Tom. The Nature and Possibility of an Environmental Ethic. In: Environmental Ethics – An Interdisciplinary Journal dedicated to the philosophical aspects of environmental problem. Spring 1981, v. 3, n. 1. p. 19-34.

mais utilitaristas, e éticas preservacionistas, que se ocupam dos valores não materiais da natureza, valores intangíveis e simbólicos[10], muito mais próximas de éticas da virtude. Queremos aqui adotar apenas a expressão ética ambiental como aquela que deve orientar todas as formas de relação moral entre seres humanos e os demais elementos da natureza.

Cuidados ambientais referem-se à avaliação crítica, consciente e honesta de nossas decisões que influenciam a qualidade de vida ambiental. Por exemplo, independentemente dos grandes ciclos climáticos planetários, estará nosso modo de vida, com a liberação contínua de toneladas de gases do efeito estufa (GEE), determinando ou ajudando no panorama das mudanças climáticas, do aquecimento, da desertificação? Em caso positivo, qual o grande pacto ético e global a ser adotado para reverter os mecanismos? Se tal pacto é estabelecido nos fóruns pertinentes e um único país que seja remanesce resistente à adesão, seguramente ele estará afrontando a ética ambiental pactuada. Portanto, a ética ambiental traz em si componentes políticos, econômicos, científicos, tecnológicos e sociais. E trará também, por óbvio, um componente estético de difusão. Podemos enxergar, desde já, verdadeiras *cadeias produtivas* de resultados em ética ambiental. Por exemplo, no caso agora mencionado das mudanças climáticas que podem ser provocadas/ajudadas por ação antrópica, quais as cadeias de atitudes humanas que levam à grande emissão de GEE? Os gases vêm da produção industrial e de comodidades, então é preciso que todos, coletivamente, queiram menos delas, logo é preciso modificar o comportamento de consumo[11], ponto em que novamente entram a filosofia e a ética. Como afirmado, isso se refere a toda a humanidade. Mas o que dizer da abissal diferença de consumos de recursos ambientais entre os povos mais desenvolvidos (nos Estados Unidos da América, na Europa, por exemplo) e as populações mais carentes? Já foi divulgado por estudiosos que o planeta Terra não disporia de estoques de insumos naturais/ambientais para atender simultaneamente toda população humana no mesmo limiar máximo de consumo e confortos. Assim, ecoa a pergunta: independentemente das causas históricas e econômicas, é ético que algum povo possa dispor de bens naturais mais do que outro? Lembre-se que quando se formula tal pergunta não cabe mais a argumentação de que um povo soberano é 'proprietário' dos recursos naturais de seu território porque hoje, com a globalização hercúlea da economia, os bens ambientais são buscados alhures, onde eles ocorrem, para satisfazer aos que detêm poder de compra. Estaríamos, por certo, diante de um problema de ética ambiental de cunho social, ou sócio-econômico. E já que mencionamos um pensamento do escritor português José Saramago na abertura desse artigo, vamos invocá-lo novamente, numa forma muito particular de ver a ética entre os hemisférios norte e sul, entre a Europa abastada e um Portugal periclitante, quando na Carta[12] que leu por ocasião do recebimento de seu Nobel de literatura, se refere a seu romance *A jangada de pedra* dizendo que "Uma visão duas vezes utópica entenderia esta ficção política como uma metáfora muito mais generosa e humana: que a Europa, toda ela, deverá deslocar-se para o Sul, a fim de, em desconto dos seus abusos colonialistas antigos e modernos, ajudar a equilibrar o mundo. Isto é, Europa finalmente como ética."

Mas vamos mudar de balizador e pensar no que cada pessoa e/ou instituição podem fazer. Como é ser um cidadão ambientalmente ético? Não é muito complexa a resposta: adotar normas de conduta individuais que não sejam perdulárias em relação aos recursos ambientais. Consumir pouco e certo, o suficiente para o provimento de suas necessidades. Não se aferroar ao acúmulo nem à ostentação. Verificar para que outros (pessoas e organizações), voluntariamente, façam o mesmo. Trata-se de matéria, de novo, para a filosofia e, quiçá, para as religiões, fincada na suposição de que o homem pretende algo mais em seu fenômeno de existência do que a satisfação material. Como é ser uma instituição ambientalmente ética? É produzir o necessário para populações e mercados, sem induzir o consumo – seja em quantidade desnecessária seja em qualidade supérflua. Seria possível reformatar o mercado nesses parâmetros, ainda mais quando vivemos tempos de supercapitalismo, em que o consumidor individual é também o acionista das grandes corporações e espera ver seu dinheiro multiplicar? Responda-se com uma forma de inverso da pergunta – se isso não for feito, qual será nosso futuro e o futuro do futuro? Aquela ética ambiental que diz respeito ao compromisso solidário intergeracional como responderia a tal

10 Ver NORTON, B.G. Why Preserve Natural Variety? Princeton: Princeton University Press, 1987.
11 Ver a respeito Dossiê – conhecimento para a sustentabilidade, na revista Ideia Socioambiental, edição no. 20, junho de 2010: Ricardo Voltolini, Rótulos, selos e certificações verdes: uma ferramenta para o consumo consciente (p. 47-54) e Luiz Bouabci, Reflexões sobre selos verdes e seus desafios (p. 55-60).
12 José Saramago. De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz. Nobel Lecture. Disponível em: http://nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1998/lecture-p.html.

indagação? Ademais, quem terá afirmado que o modelo de desenvolvimento que adotamos é o único possível?

Ainda no capítulo das instituições, incluindo-se aqui os governos, será ético – e ambientalmente ético – que tenham, de fato, responsabilidade sócio-ambiental como algo volitivo e não apenas derivado de imposição legal ou recompensa promocional midiática. Tem-se visto, ao redor do planeta, inúmeros projetos governamentais ou de empresas ou de ambos, que se dizem sociais e ambientais, mas que sequer sabem conversar com as comunidades em que atuam. Noutras palavras, antes que se tenha a ética ambiental é preciso que se fortaleça uma ética simplesmente humana ou Ética. E a ética ambiental e social, concernente a comunidades, só pode ser edificada de baixo para cima, de dentro para fora, de princípios morais e coletivos para as abstrações, não havendo, em hipótese alguma, modelos ou receitas ou doutrinas que possam ser impostas, mesmo que sob o mais honesto pretexto de desenvolvimento e inclusão. A construção de um modelo sócio-ambiental pretensamente inclusivo, contudo de cima para baixo ou de fora para dentro é, ele próprio, antiético, quando não mais por não observar preceitos essenciais como o da alteridade, o do respeito, o da diversidade e o da verdadeira responsabilidade. Há que se ter muito zelo, sabedoria e honestidade para fazer prevalecer a tênue linha de separação entre o poder econômico de grupos e empresas, sempre avassalador, que defendem suas 'verdades', e a verdade vivida pelas sociedades mais frágeis em seu dia a dia de sobrevivência. Não há dúvida de que a ética social e ambiental diz respeito à verdade inerente à história e sonhos das comunidades e não a interesses solipsistas de certas corporações[13].

Na escala global, governos nacionais, unidos em mecanismos internacionais, têm tentado, em alguma extensão, construir pactos transnacionais na forma de convenções[14] eivadas de princípios de ética entre os povos e de ética ambiental, notadamente com foco no desenvolvimento sustentável, objetivando, de um lado, a garantia de sobrevivência às populações e, de outro, a garantia da manutenção da integridade ambiental.

Uma ética ambiental eqüidistante dos três *centrismos* listados no início do artigo deverá passar concomitantemente pela biologia, pelo cultural e pelo espiritual. O *Homo sapiens sapiens*, como um dos seres humanos da evolução, talvez o mais qualificado até aqui, transita por esses três meios ou plasmas. Todas as vezes que ele tende mais acentuadamente para um desses departamentos a porta para perplexidades e exageros se abre. O equilíbrio entre esses três impérios, a ser auto-processado em nossa intimidade, com conhecimento, consciência e sabedoria, é a base da ética que buscamos para uma melhor postura diante da vida.

---

13 Ver a respeito o documentário A Corporação, de Mark Achbar, Jennifer Abbot e Joel Bakan, 2004, premiado em Sundance, Vancouver, etc. A obra tem por base o livro "The Corporation - The Pathological Pursuit of Profit and Power" (A Corporação - A Busca Patológica por Lucro e Poder), de Joel Bakan. Mais informações estão disponíveis em: http://www.thecorporation.com/index.cfm. Também é muito interessante conhecer o pensamento e a obra de John Elkington (ver seu site http://www.johnelkington.com/), destacando-se, dentre outras publicações, Green consumer guide (Guia do consumidor verde), 1998; Canibais com garfo e faca, São Paulo: Ed. Makron Books, 2001; e The Power of Unreasonable People, 2008.

14 Convenções Planetárias relevantes ao Desenvolvimento Sustentável:
1971: Convention on Wetlands of International Importance, especially as Waterfowl Habitat ("Ramsar Convention")
1973: Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora (CITES)
1982: Protocol to Amend the Ramsar Convention ("Paris Protocol")
1985: Vienna Convention on the Protection of the Ozone Layer
1987: Montreal Protocol on Substances that Deplete the Ozone Layer
1987: Our Common Future: Report of the World Commission on Environment and Development ("Brundtland Report")
1989: Convention on the Control of Transboundary Movements of Hazardous Wastes and Their Disposal ("Basel Convention")
1992: Agenda 21
1992: Framework Convention on Climate Change (UNFCCC)
1992: Convention on Biological Diversity
1992: Protocol on Biosafety to the Convention on Biological Diversity ("Cartagena Protocol")
1992: Convention on the Protection and Use of Transboundary Watercourses and International Lakes ("Water Convention")
1994: Convention to Combat Desertification in Those Countries Experiencing Serious Drought and/or Desertification, Particularly in Africa
1997: Protocol to the UNFCCC ("Kyoto Protocol")
1998: UNECE Convention on Access to Information, Public Participation in Decision-Making and Access to Justice in Environmental Matters ("Aarhus Convention")
1998: Convention on the Prior Informed Consent Procedure for Certain Hazardous Chemicals and Pesticides in International Trade ("Rotterdam Convention")
1999: Protocol on Water and Health to the Water Convention
2000: Protocol on Liability and Compensation for Damage Resulting from Transboundary Movements of Hazardous Wastes and Their Disposal to the Basel Convention ("Basel Protocol")
2001: Convention on Persistent Organic Pollutants ("Stockholm Convention")
2003: Protocol on Pollutant Release and Transfer Registers to the Aarhus Convention ("Kiev Protocol")
2003: The Protocol on Civil Liability and Compensation for Damage Caused by the Transboundary Effects of Industrial Accidents on Transboundary Waters to the Water Convention
2003: Convention on the Protection and Sustainable Development of the Carpathians ("Carpathian Convention")

O primeiro passo é a reformulação de nosso processo educacional. Do ensino fundamental à pós-graduação universitária, tudo precisa ser revisto sob a óptica desse paradigma maior, o da vida humana com conservação ambiental, ética e justiça. Nossas crianças e jovens ainda recebem uma educação formal sob a égide do encantamento racional da modernidade, a ciência sendo dogmatizada, muito de um antropocentrismo tardio, com ênfase na produção e consumo, as conquistas materiais muito mais exaltadas do que as de ordem moral e humanitária. Precisamos ensinar-lhes os limites: limites da sobrevivência no planeta, limites das ciências, limites das crenças e valores, limites da democracia, limites da independência... A educação quase que totalmente assentada e dependente do modelo consumista deixa de ser interessante, porque deixa de ser educação. Talvez seja conveniente evocar neste ponto um pouco do pensamento de Aldo Leopold que, baseado em David Hume, nos diz que o conhecimento de fatos pode produzir dois tipos de conduta: suscitando paixão, respeito, amor ou descobrindo a ligação entre causa e efeito que avalia qualquer paixão. É esse o princípio educacional que nos parece melhor. O ensinamento precisa dar ao jovem o respaldo seguro e a força para resistir aos apelos sedutores de uma sociedade que o quer apenas como ser consumidor e não como ser pensante. É dessa escola que precisamos. As sucessivas, intermináveis e assustadoras crises financeiras a que temos sido submetidos em escala mundial fornecem o combustível para que queiramos e deslanchemos essa nova escola, que, antes de qualquer outro conhecimento, ensine solidariedade e confiança. Ética é o que mais precisa ser ensinado. E a ética ambiental deve estar muito mais afeita ao real desenvolvimento do que ao crescimento, posto que estes são dimensões diferentes[15]. Outro aspecto fundamental da força educacional é fazer difundir e fazer que se creia – como o é – que a ética é um compromisso moral personalizado, isto é, pertence à pessoa, decorrente de seu arcabouço filosófico. A ética não se pratica por dispositivo legal.

Para mais um passo convidamo-nos a retomar um pouco do pensamento de Aristóteles, em *Ética a Nicômaco* (seu filho e editor da obra). Aristóteles nos fala sobre as quatro causas das coisas: a *material*, a *formal*, a *eficiente* e a *final*. As duas primeiras dizem muito do mundo físico das coisas: do que elas são feitas e que tipo de coisas são. As outras duas dizem respeito a fins e propósitos: a causa eficiente é aquilo que fez com que a coisa existisse e a causa final deve dizer para o que ela serve. A visão cientificista, que é um dos alicerces do antropocentrismo, tende a se satisfazer e parar nas duas primeiras causas da existência dos seres, procurando eliminar (ou minimizar) da natureza a ocorrência de fins e propósitos, ficando tais porquês muito mais adstritos à filosofia ou à poesia. Mas para o próprio filósofo grego os fatos relativos a propósitos são tão importantes quanto os físicos e precisam ser descobertos pelo pensamento. Assim, plantas, animais, seres humanos, pedras e estátuas são todos guiados por objetivos, não um objetivo específico consciente, mas um propósito em geral, que é o interesse do *Ética a Nicômaco*. Para Aristóteles, em tudo devemos objetivar algo supremo, o Bem, caso contrário nossos objetivos serão sempre menores, voltados para si mesmos. O alvo aristotélico final é o bem humano ou felicidade. Seria conveniente, sem dúvida, a ética ambiental preocupar-se com as causas *eficiente* e *final* das coisas naturais. Isto é: fica improvável uma atitude ambientalmente ética se são desprezados os propósitos ou, enfim, a finalidade maior de tudo. Não nos parece ser o propósito ulterior do ser humano a mera acumulação de bens necessários (?) à sua sobrevivência apenas. Sabemos que o humano tem uma necessidade de transcender e, por isso, o desapego racional e inteligente ao acúmulo de bens materiais e/ou de status poderá, eticamente, contribuir enormemente com o equilíbrio ambiental.

O ser humano é um produto da natureza (ainda que hoje muitos não se apercebam disso!...). A vida humana estabeleceu-se em dois planos: no natural/ambiental e no social. Não pode haver vida humana – como a conhecemos e a queremos – em apenas um desses dois planos. Primeiro fomos seres animais e só depois seres sociais. E para criar sociedades e seus valores morais os seres humanos habilitaram-se a intervir e interferir no ambiente natural, desenvolveram tal capacidade. Contudo, este ambiente natural aqui já estava, foi-nos oferecido, não é produto de nossa criação, logo é ético mantê-lo, ainda que nele interfiramos. Não é moral destruir o que não criei e, portanto, não é meu. Aliás, quem sabe nem seja ético destruir mesmo o que criei. Essa

15 Ver a respeito a nota Prosperidade sem crescimento - Economia para um planeta finito em http://www.pratigi.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1232%3Aem-cima-da-noticia&catid=146%3Aem-cima-da-noticia&Itemid=524&lang=br, enfocando o livro Prospertiy without Growth - Economics for a Finite Planet, do professor de Desenvolvimento Sustentável e diretor do Grupo de Pesquisas sobre Estilos de Vida, Valores e Meio Ambiente, Universidade de Surrey, Tim Jackson (informações em: http://www.earthscan.co.uk/ProsperityWithoutGrowth/tabid/102098/Default.aspx).

linha de raciocínio talvez possa ser uma boa base para nossa ética ambiental. É ético viver. Mais do que isso, é ético viver e deixar viver. Ainda mais, é ético viver, deixar viver e promover a vida. Eis aí uma escala de ética ascendente. O *Homo sapiens sapiens*, terminado, elevado e polido, só pode desejar como valor moral maior promover a vida, o fenômeno que mais o encanta e atrai e sobre o qual menos ele tem informações e poderes. A realidade e o equilíbrio de um ambiente humano, ambiente de existência humana, dependerão sempre do amálgama entre o ambiente natural e do ambiente social. Retomando a idéia de cuidar, de cuidado, faz-se mister que cuidemos simultaneamente de ambos. Devemos contrapor esforços à situação de fome e desmatamento; de injustiça e poluição; de exclusão social e alterações climáticas, etc., porque o modelo que abate a natureza e desonra a vida humana é o mesmo é um só. E percebido por esse prisma qualquer dano ambiental causado por nós é muito mais grave e severo se em consonância, como sempre se dá, com consequências sociais.

Guiados pela referência ecológica da vida e pela ética ambiental somos forçados a amadurecer e a aceitar como ultrapassado o paradigma de uma autonomia irrestrita. Nenhum crescimento poderá ser ilimitado, eterno, por mais ciência e tecnologia que se agregue. A condição humana impõe limites físicos, biológicos, éticos e morais, e é reconhecendo e respeitando esses limites que se poderá transcendê-los em direção a um experimento humano que nos atribua sentido e dignifique a criação, que somos nós próprios.

Afinal de contas, a astronomia já marcou a hora para o declínio e fim de nosso pequenino sistema solar e a sociologia já indicou que *tudo que é sólido desmancha no ar*[16], então, nada mais inteligente e humano do que adotarmos a ética da transitoriedade e da pequenez, cosmicamente distantes de todas as formas de prepotência de saber e poder.

16 No Manifesto (do Partido) Comunista, Marx e Engels escrevem (Parte 1 - Burgueses e Proletários): "todas as relações fixas, enrijecidas, com seu travo de antiguidade e veneráveis preconceitos e opiniões, foram banidas; todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a se ossificar. Tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profano, e os homens finalmente são levados a enfrentar (...) as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos." Esse texto se deve a Marshall Berman em Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade (São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 20). Mantido o sentido, encontraremos diferentes traduções do original em alemão. Ver MARX, K., ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Alfa-Ômega, 1993, ou acessar http://www.dorl.pcp.pt/images/classicos/manifesto%20ed%20avante%2097.pdf.

Bibliografia essencial

- BARTOLOMMEI, S. **Etica e natura. Una "rivoluzione copernicana" in etica?** Bari (Itália): Ed. Laterza, 1995.
- BECKERT, C. (Org.). **Ética Ambiental: Uma Ética para o Futuro**. Lisboa: SPF. 2003.
- BOFF, L. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- BURSZTYN, M. (org.). **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CALLICOTT, J.B. Environnement. Éthique de l'environnement. in: CANTO-SPERBER, M. (Ed.), **Dictionnaire d'éthique et de philosophie morale**. 2ª. ed. Paris: PUF, 1997. p. 498-501.
- FURTADO, J.S. **Sustentabilidade Empresarial – Guia de Práticas Econômicas, Ambientais e Sociais**. Salvador: CRA-Centro de Recursos Ambientais, 2005.
- HARGROVE, E.C. **Foundations of Environmental Ethics**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1989.
- JOHNSON, L.E. **A morally Deep World. An Essay on Moral Significance and Environmental Ethics**. New York: Cambridge University Press, 1992.
- LEOPOLD, A. **A Sand County Almanac and Sketches Here and There (1949)**. New York: Oxford University Press, 1968.
- MONTIBELLER Filho, G. **O mito do desenvolvimento sustentável**. 2a ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.
- MORAN, E.F. **Nós e a natureza**. São Paulo: Ed. Senac. 2008.
- NAESS, A. **Ecology, Community and Lifestyle**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- PELIZZOLI, M.L. **A emergência do Paradigma Ecológico. Reflexões Ético-filosóficas para o Século XXI**. 2a. ed. Petrópolis,RJ: Ed. Vozes, 1992.
- PELIZZOLI, M.L. **Correntes da ética ambiental**. 3ª. ed. Petrópolis,RJ: Ed. Vozes, 2007.
- PENA-VEGA, A. **O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- REES, M. **Hora final - Alerta de um cientista: o desastre ambiental ameaça o futuro da humanidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- REGAN, T. **The case for Animal Rights**. Los Angeles: The Regents of the University of California, 1983.
- ROLSTON III, H. **Philosophy Gone Wild: Essays in Environmental Ethics**. Buffalo: Prometheus

Books, 1986, 1989.
- ROLSTON III, H. **Environmental Ethics: Duties to and Values in Nature**. Philadelphia: Temple University Press, 1988.
- SAVITZ, A.W., WEBER, K. **A Empresa Sustentável - O Verdadeiro Sucesso é Lucro com Responsabilidade Social e Ambiental**. São Paulo, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2007.
- SINGER, P. **Animal Liberation**. London: Jonathan Cape, 1976.
- SINGER, P. **Ética prática**. São Paulo: Martins Fontes Ed., 2002. [É possível o 'download' de uma tradução de Álvaro Fernandes, com revisão de Cristina Beckert e Desidério Murcho no endereço http://www.scribd.com/doc/7299953/Peter-Singer-Etica-Pratica.]
- TAYLOR, P.W. **Respect for Nature**. **A Theory of Environmental Ethics**. Princeton: Princeton University Press, 1986.
- UNGER, N.M. (org.). **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- VARANDAS, M.J. **O Valor do Mundo Natural. Perspectivas para uma Ética Ambiental**. Lisboa: SEA. 2003.
- VEIGA, J.E. **Desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- VEIGA, J.E. **Meio Ambiente & Desenvolvimento**. São Paulo: SENAC, 2006.

Endereços de interesse na internet

- Animal Rights Resource Site
- Environmental Ethics, Anthologies
- Environmental Ethics, Course Syllabus Project
- Environmental Ethics, Introductory Articles
- Environmental Ethics, Systematic Works
- Filosofia ambientale - scienza, ecologia, etica, politica e teologia dell'ambiente: http://www.filosofia-ambientale.it/
- International Society for Environmental Ethics, Newsletters, Bibliography, Graduate Studies, other information
- Mercado Ético: http://mercadoetico.terra.com.br/
- Society for Conservation Biology
- Web of Creation, an ecumenical website offering ecojustice resources for faith-based communities